

THOMAS R. MALTHUS

**ENSAIO SOBRE O PRINCÍPIO
DA POPULAÇÃO**

Publicações Europa-América

Titulo original: Essay on the principle of Population

Tradução de Eduardo Saló

Capa: estúdios P. E. A.

*Direitos reservados por
Publicações Europa-América, Lda.*

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida na presente forma por qualquer processo, electrónico, mecânico ou fotográfico, incluindo fotocópia, xerocópia ou gravação, sem autorização prévia e escrita do editor. Exceptua-se naturalmente a transcrição de pequenos textos ou passagens para apresentação ou crítica do livro. Esta excepção não deve de modo nenhum ser interpretada como sendo extensiva à transcrição de textos em recolhas antológicas ou similares donde resulte prejuízo para o interesse pela obra. Os transgressores são passíveis de procedimento judicial

Editor: Francisco Lyon de Castro

Edição n.º 40 801/3080

*Execução técnica:
Gráfica Europam, Lda.,
Mira-Sintra — Mem Martins*

NOTA INTRODUTÓRIA

VIDA E OBRA — Thomas Robert Malthus (1766-1834) nasceu em Guildford. Era filho de um inglês excêntrico da alta classe média. Foi carinhosamente preparado para a universidade, sob a orientação de um pai que possuía uma boa formação filosófica. Aliás, entre os amigos da família contavam-se Rousseau e Hume. A partir de 1784, torna-se aluno do Colégio de Jesus, em Cambrígia. Aos 22 anos, é ordenado pela Igreja Anglicana. Viaja por diversos países europeus, fazendo pesquisas académicas. Foi o primeiro economista profissional a leccionar num colégio fundado em Haileybury pela Companhia das Índias Orientais, destinado à preparação de jovens administradores. Embora fosse um defensor dos ricos latifundiários, nunca foi nem uma coisa nem outra. Casa-se entretanto, em 1805.

A publicação do seu Ensaio sobre o Princípio da População torna-o o homem mais execrado da sua época. Segundo o seu biógrafo, James Bonar, o próprio Bonaparte não era considerado como pior inimigo da humanidade. Diziam que Malthus defendia a varíola, a escravidão, o infanticídio, era contra a caridade e os casamentos prematuros, que «tivera a impudência de casar-se depois de ter falado contra os males da família».

Segundo as palavras de Robert Heilbroner, essa execração levaria à ruína o homem que defendia a «austeridade moral» para o mundo. E, não obstante, Malthus não era um ímpio nem um devasso. É verdade que pregou a abolição do auxílio aos pobres, e opôs-se à construção de casas para os trabalhadores, mas fez tudo isso com o mais sincero interesse pelas classes desfavorecidas.

De acordo com a sua teoria, o problema básico do mundo era a existência de um excesso de população, e tudo o que pudesse favorecer «conjunções prematuras» só poderia agravar a miséria humana. Um homem para quem «não havia lugar no banquete da natureza» poderia manter-se vivo pela caridade; mas como a sua tendência natural era reproduzir-se, a caridade representava apenas uma forma de crueldade disfarçada.

Não foi a insensibilidade que levou Malthus a defender essa doutrina, aparentemente espartana, mas apenas consequência razoável de uma teoria predominantemente lógica. Mas a lógica nem sempre é popular, como tão-pouco poderá ser popular o homem que põe em destaque os aspectos sombrios da sociedade.

Nenhuma teoria foi tão censurada. Godwin referiu-se a ela como «aquele demónio negro e terrível que estava sempre pronto a roubar as esperanças da humanidade». E o demónio não era, para ele, tanto a teoria, mas a própria figura do reverendo Malthus.

Por tudo isso, Malthus foi relegado para uma situação de inferioridade. O seu estudo sobre a população era sempre lido e sempre desa-

provado. A própria veemência das refutações constitui um testemunho da força da sua tese.

Um dos grandes críticos de Malthus foi David Ricardo. Quando aquele publicou os *Princípios de Economia Política*, em 1823, Ricardo deu-se ao trabalho de encher cerca de duzentas e vinte páginas de notas para mostrar as falhas dos argumentos do reverendo. Malthus positivamente perdeu as estribeiras no seu livro, tentando demonstrar, por sua vez, os erros que acreditava serem inerentes aos pontos de vista de Ricardo.

O mais estranho de tudo é que os dois eram amigos íntimos, desde 1809. Correspondiam-se e visitavam-se constantemente. As discussões travadas entre ambos nunca eram ofensivas, pois neles havia um fundo de grande humanidade. Empenhavam-se juntos em busca da verdade, e alegravam-se em achá-la, pouco importando quem a tivesse visto primeiro.

Entretanto, o debate infundável prosseguiu em visitas e cartas até 1823. Na sua última carta dirigida a Malthus, Ricardo escreveu: «E agora, meu caro Malthus, estou cansado. Como outros polemistas, depois de muita discussão, continuamos com as nossas opiniões. Essas discussões, porém, nunca influíram na nossa amizade. O meu afecto não seria maior, se você concordasse comigo.» Morreu naquele mesmo ano, com cinquenta e um anos, enquanto Malthus viveria até 1834. Assim se referiu o pastor ao seu amigo David Ricardo: «Nunca estimei tanto alguém que não fosse da minha família.»

Embora Malthus e Ricardo discordassem em quase tudo, concordavam na teoria de Malthus sobre a população. No seu famoso Ensaio, de 1798, Malthus lança uma luz terrível sobre a persistente pobreza que assolava a sociedade na Inglaterra.

Na apreciação do surpreendente poder de multiplicação da reprodução humana, Malthus estava inteiramente certo. A questão vital, aliás, era a de conhecer a capacidade de reprodução do ser humano. Malthus calculou que ele seria capaz de duplicar-se em vinte e cinco anos, e, à luz do conhecimento da sua época, era uma suposição relativamente modesta.

Contra a tendência multiplicativa da raça humana, Malthus opunha o facto de que a terra, ao contrário das pessoas, não se pode multiplicar. A terra pode ser laboriosamente ampliada, mas o índice de progresso é lento e hesitante. Ao contrário da população, a terra não cresce. Dessa forma, enquanto o número de bocas cresce geometricamente, o total da terra cultivável cresce apenas aritmeticamente.

O resultado dessa teoria é inevitável: o número de habitantes está destinado, cedo ou tarde, a superar a quantidade de alimentos produzida. Conclui, assim, que a divergência irreconciliável entre as bocas e o alimento só pode ter um resultado: a maioria da humanidade viverá sempre presa à miséria.

A sua teoria é, na realidade, uma doutrina de desespero. E que acontecerá, poder-se-ia perguntar, quando a medicina moderna reduzir a metade o índice letal, ao passo que o índice de natalidade continua o mesmo? É o dilema malthusiano na sua expressão mais real e mais terrível. E é em volta desta questão pertinente que outros pensadores e outras correntes têm procurado obter respostas diversas.

ENSAIO

SOBRE O

PRINCÍPIO DA POPULAÇÃO

COMO AFECTA

O FUTURO PROGRESSO DA HUMANIDADE

COM NOTAS

SOBRE AS ESPECULAÇÕES DE MR. GODWIN,

M. CONDORCET

E OUTROS ESCRITORES

LONDRES:

IMPRESSO PARA J. JOHNSON, NO ADRO DA
IGREJA DE SÃO PAULO

1798

AN
ESSAY

ON THE
PRINCIPLE OF POPULATION,

AS IT AFFECTS
THE FUTURE IMPROVEMENT OF SOCIETY

WITH REMARKS
ON THE SPECULATIONS OF MR. GODWIN,

M. CONDORCET,
AND OTHER WRITERS.

LONDON:

PRINTED FOR J. JOHNSON, IN ST. PAUL'S
CHURCH-YARD.

1798.

Fac-simile do frontispício de
Ensaio sobre o Princípio da População

ÍNDICE

	Pág.
Prefácio	21
CAPÍTULO I	23
A questão exposta — Poucas perspectivas da sua determinação, devido à hostilidade das partes contrárias — O principal argumento contra a perfectibilidade do homem e da sociedade nunca foi rebatido de forma satisfatória — Natureza da dificuldade resultante da população — Esboço do principal argumento do <i>Ensaio</i> .	
CAPÍTULO II	28
As diferentes proporções em que a população e os víveres aumentam — Efeitos necessários dessas diferentes proporções de aumento — Oscilação produzida por eles na condição das classes mais baixas da sociedade — Razões pelas quais essa oscilação não tem sido tão observada como seria de esperar — Três proposições de que o argumento geral do <i>Ensaio</i> depende — Os diferentes estados em que a humanidade se sabe ter existido, propostos para serem examinados em referência a estas três proposições.	
CAPÍTULO III	34
O estado selvagem ou de caçador analisado rapidamente — O estado pastor ou as tribos de bárbaros que invadiram o Império Romano — A superioridade do poder da população sobre os meios de subsistência — A causa da grande vaga da emigração do norte.	
CAPÍTULO IV	38
Estado das nações civilizadas — Probabilidade de a Europa ser mais povoada actualmente do que na época de Júlio César — Melhor critério de população — Erro provável de Hume num dos critérios que ele propõe para colaborar numa estimativa da população — Aumento lento da população actualmente na maioria dos Estados da Europa — Os dois principais controlos da população — O primeiro controlo, ou preventivo, examinado em relação à Inglaterra.	
CAPÍTULO V	43
O segundo, ou positivo, controlo da população na Inglaterra — A verdadeira causa pela qual a soma imensa recolhida na Inglaterra para	

os pobres não melhora a sua condição — A poderosa tendência das leis dos pobres para aniquilar o seu objectivo — Proposta de um paliativo para as aflições dos pobres — A impossibilidade absoluta, pelas leis fixas da nossa natureza, de a pressão da necessidade jamais poder ser totalmente eliminada das classes mais baixas da sociedade — Todos os controlos da população se podem resolver em miséria ou vício.

CAPÍTULO VI

Novas colónias — Razões do seu rápido desenvolvimento — Colónias na América do Norte — Caso extraordinário de desenvolvimento nas colónias do interior — Rapidez com que os próprios velhos Estados se recompõem da devastação da guerra, peste ou convulsões da natureza.

CAPÍTULO VII

Causa possível das epidemias — Excertos das tabelas de Mr. Suessmilch — Recorrências periódicas de épocas de doenças previstas em determinados casos — Proporção dos nascimentos em relação aos funerais por breves períodos em qualquer país, um critério inadequado do aumento médio real da população — Melhor critério de um aumento permanente da população — Grande frugalidade da maneira de viver, uma das causas da fome na China e Indostão — Tendência maligna de uma das cláusulas da Lei dos Pobres, de Mr. Pitt — Uma única maneira apropriada de encorajar a população — Causas da felicidade nas nações — A fome, última e mais temível forma pela qual a natureza reprime a população — As três proposições consideradas estabelecidas.

CAPÍTULO VIII

Mr. Wallace — O erro de supor que a dificuldade resultante do povoamento se encontra longe — Esboço de Mr. Condorcet sobre o progresso da mente humana — Período em que a oscilação, mencionada por Mr. Condorcet, deve ser aplicada à raça humana.

CAPÍTULO IX

Conjectura de Mr. Condorcet relativa à perfectibilidade orgânica do homem e prolongamento indefinido da vida humana — Falácia do argumento que infere um progresso ilimitado de um aperfeiçoamento parcial, cujo limite se não pode determinar, ilustrado na reprodução dos animais e cultura das plantas.

CAPÍTULO X

O sistema de igualdade de Mr. Godwin — O erro de atribuir todos os vícios da humanidade às instituições humanas — Primeira resposta de Mr. Godwin à dificuldade resultante da população totalmente insu-

Pág.

52

56

66

70

76

ficiente — O belo sistema de igualdade de Mr. Godwin supostamente realizado — Sua destruição total simplesmente em virtude do princípio da população num lapso de tempo tão breve como trinta anos.

CAPÍTULO XI

Conjectura de Mr. Godwin relativa à futura extinção da paixão entre os sexos — Poucas bases aparentes para semelhante conjectura — A paixão do amor não é inconsistente com a razão ou a virtude.

CAPÍTULO XII

Conjectura de Mr. Godwin relativa ao prolongamento infinito da vida humana — Inferência imprópria traçada dos efeitos dos estimulantes mentais na estrutura humana, ilustrados em vários casos — Conjecturas não fundadas em quaisquer indicações do passado que se não devem considerar conjecturas filosóficas — Conjectura de Mr. Godwin e Mr. Condorcet respeitante ao acesso do homem à imortalidade na Terra, um caso curioso da inconsistência do cepticismo.

CAPÍTULO XIII

Erro de Mr. Godwin ao considerar o homem demasiado à luz de um ser meramente racional — No ser composto, o homem, as paixões actuam sempre como forças perturbadoras nas decisões da compreensão — Raciocínio de Mr. Godwin sobre o tema da coerção — Algumas verdades de uma natureza que se não devem comunicar de homem para homem.

CAPÍTULO XIV

As cinco proposições de Mr. Godwin sobre a verdade política, em torno das quais gira toda a sua obra, não são estabelecidas — Razões que possuímos para supor, em virtude da aflicção provocada pelo princípio da população, que os vícios e a fraqueza moral do homem nunca podem ser erradicados — A perfectibilidade, no sentido em que Mr. Godwin emprega o termo, não é aplicável ao homem — Ilustração da perfectibilidade real do homem.

CAPÍTULO XV

Os modelos demasiado perfeitos podem por vezes impedir, mais do que promover, o aperfeiçoamento — Ensaio de Mr. Godwin sobre a «Avarez e Profusão» — Impossibilidade de dividir o trabalho de uma sociedade por todos — Inectivas contra a mão-de-obra podem produzir um mal actual, com poucas ou nenhuma possibilidades de produzirem um bem futuro — Um acesso à massa da mão-de-obra agrícola deve constituir sempre uma vantagem para o trabalhador.

Pág.

87

90

99

103

108

Pág.
115

CAPÍTULO XVI

Erro provável do Dr. Adam Smith ao representar cada aumento do rendimento ou gêneros de uma sociedade como um acréscimo nos fundos para manutenção do trabalho — Casos em que o aumento da riqueza pode não ter qualquer tendência para melhorar a condição do trabalhador pobre — A Inglaterra aumentou a sua riqueza sem um aumento proporcional dos fundos de manutenção do trabalho — O estado dos pobres na China não melhorou com um aumento da riqueza resultante das manufacturas.

CAPÍTULO XVII 122

Questão da definição apropriada da riqueza de um Estado — A razão apresentada pelos economistas franceses para considerarem todos os manufacturadores trabalhadores improdutivo não é a verdadeira — O trabalho dos artifices e manufacturadores é suficientemente produtivo para os indivíduos, embora não para o Estado. — Uma passagem notável dos dois volumes das *Observações*, do Dr. Price — Erro do Dr. Price ao atribuir a felicidade e povoamento rápido da América em especial ao seu peculiar estado de civilização — Não se pode esperar qualquer vantagem de fechar os olhos às dificuldades do aperfeiçoamento da sociedade.

CAPÍTULO XVIII 128

A pressão constante do homem angustiado, devido ao princípio da população, parece dirigir as nossas esperanças para o futuro — Estado de experiência inconsistente com as nossas ideias de presciência de Deus — O mundo é, provavelmente, um processo grandioso para despertar a matéria na mente — Teoria da formação da mente — Excitações devidas a carências do corpo — excitações devidas à operação das leis gerais — Excitações devidas às dificuldades da vida resultante do princípio da população.

CAPÍTULO XIX 135

Os pesares da vida necessários para suavizar e humanizar o coração — As excitações da simpatia pessoal produzem com frequência caracteres de uma ordem mais elevada do que meros possuidores de talentos — Probabilidade da necessidade de mais mal para a produção da excelência moral — Excitações das necessidades intelectuais mantidas continuamente pela variedade infinita da natureza e a obscuridade que envolve os temas metafísicos — As dificuldades da Revelação explicadas por este princípio — O grau de evidência contido nas Escrituras é provavelmente o mais apropriado para o aperfeiçoamento das faculdades humanas e melhoria moral da humanidade — A ideia de que a mente é criada pelas excitações parece explicar a existência do mal natural e moral.

PREFÁCIO

O *Ensaio* que segue deve a sua origem a uma conversa com um amigo, sobre o tema do ensaio de Mr. Godwin acerca de «Avareza e Profusão», no seu *Investigador*. A discussão iniciou a questão geral do futuro progresso da sociedade; e o autor começou por pretender meramente expor os seus pontos de vista ao amigo, no papel, de uma maneira mais clara do que supôs poder fazer em conversa. No entanto, à medida que o assunto se lhe desbobinava, ocorriam-lhe algumas ideias, que não recordava haverem-se-lhe apresentado antes; e como concebeu que a mínima luz sobre um tópico tão geralmente interessante podia ser acolhida com candura, resolveu compilar os seus pensamentos de uma forma apropriada para publicação.

É inegável que o *Ensaio* podia ser tornado muito mais completo por meio de uma colecção de um número mais elevado de factos para elucidação do argumento geral. Mas uma interrupção longa e quase total de um assunto muito particular, aliada ao desejo (porventura imprudente) de não atrasar a publicação muito para além do prazo inicialmente proposto, impediu o autor de concentrar a sua atenção constante no tema. Pensa, todavia, que os factos que suprimiu não constituem uma evidência inconsiderável para a veracidade da sua opinião respeitante ao progresso futuro da humanidade. Como o autor mantém essa opinião actualmente, afigura-se-lhe necessário apenas um comentário breve, além da análise mais superficial da sociedade, para a estabelecer.

É uma realidade óbvia, confirmada por muitos escritores, que a população se deve manter sempre no nível dos meios de subsistência; mas nenhum, que o autor se recorde, se debruçou especialmente sobre os meios pelos quais esse nível se consegue: e é uma concepção desses meios que forma, no seu espírito, o maior obstáculo no caminho de acesso a qualquer grande progresso futuro da sociedade. Espera que transpareça, na discussão deste interessante tópico, que somente o move o amor pela verdade e não quaisquer preconceitos contra um conjunto particular de homens ou de opiniões. Confessa ter lido algumas das especulações sobre o progresso futuro da sociedade num estado de ânimo muito diferente do desejo de as considerar visionárias, mas não adquiriu o domínio sobre a sua compreensão susceptível de lhe permitir

acreditar no que deseja, sem provas, ou recusar a sua aquiescência ao que se pudesse apresentar desagradável, quando acompanhado de provas.

A concepção que apresentou da vida humana reveste-se de um matiz melancólico, mas o autor está consciente de que obteve essas tonalidades carregadas de uma convicção de que se encontram de facto no quadro e não de uma mirada turva ou de uma má disposição inerente. A teoria de espírito que expõe nos dois últimos capítulos resultam da sua compreensão de uma maneira satisfatória da existência da maioria dos males da vida, mas se exercerá o mesmo efeito nos outros é uma coisa que fica reservada ao parecer dos leitores.

Se conseguir chamar a atenção de pessoas mais capacitadas para aquilo que concebe como principal dificuldade para o progresso da sociedade e, em consequência disso, contribuir para a remoção dessa dificuldade, ainda que em teoria, retractará com satisfação as suas actuais opiniões e regozijar-se-á numa convicção do seu erro.

7 de Junho de 1798.